

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

SAMIRA BAHIA E CASTRO

**A VISÃO DE LICENCIANDOS SOBRE O USO DO VÍDEO NA FORMAÇÃO
DOCENTE**

VIÇOSA – MINAS GERAIS
2017

SAMIRA BAHIA E CASTRO

**A VISÃO DE LICENCIANDOS SOBRE O USO DO VÍDEO NA FORMAÇÃO
DOCENTE**

Artigo apresentado a Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências da disciplina EDU 388 – Trabalho de Conclusão de Curso, para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Silvana Claudia dos Santos

VIÇOSA – MINAS GERAIS
2017

SAMIRA BAHIA E CASTRO

**A VISÃO DE LICENCIANDOS SOBRE O USO DO VÍDEO NA FORMAÇÃO
DOCENTE**

Artigo apresentado a Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências da disciplina EDU 388 – Trabalho de Conclusão de Curso, para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

APROVADA: 22 de novembro de 2017

Prof. Valter Machado da Fonseca
(UFV)

Prof. Layla Júlia Gomes Mattos

Prof. Silvana Cláudia dos Santos
(Orientadora)
(UFV)

RESUMO

Esse artigo investigou, a partir das perspectivas de estudantes de licenciaturas da Universidade Federal de Viçosa - UFV, como o vídeo tem sido utilizado enquanto recurso didático. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com grupos de licenciandos dos cursos de Pedagogia, História e Letras, visando identificar as visões desses futuros professores em relação ao uso do vídeo na sua formação. As entrevistas foram registradas em áudio e transcritas parcialmente. Como resultado, obtivemos que os licenciandos entendem que o vídeo pode ser um potencializador da aprendizagem, porém não se reconhecem totalmente preparados para utilizá-lo e sentem falta de uma formação específica que aborde sobre a produção e utilização dessa tecnologia. Assim, esse estudo se mostrou importante, uma vez que ofereceu elementos que contribuem com o debate acerca do uso do vídeo - e das Tecnologias Digitais, em geral - na Educação.

Palavras-chave: Metodologias de Ensino; Formação Inicial de Professores; Recursos Audiovisuais.

SUMÁRIO

1. Introdução	1
2. o Vídeo e a Educação	3
3. Metodologia	8
4. A Visão dos Futuros Professores sobre o Uso do Vídeo na Formação Docente	10
4.1. Utilização do Vídeo em Sala de Aula	10
4.2. Potencialidades e Limitações do Vídeo como Recurso Didático	12
4.3. Formação para o Uso do Vídeo como Instrumento Pedagógico	14
5. Considerações Finais	17
Referências	18
Apêndice	20
A) Roteiro de Entrevista com os Alunos	20
B) TCLE	21

1. INTRODUÇÃO

No nosso dia a dia é comum empregarmos os vídeos¹ como forma de entretenimento, seja para relaxar, passar o tempo ou se divertir. No entanto, essa tecnologia possui potencialidades diversas, podendo ser utilizada, também, como instrumento educacional. De acordo com Silva e Oliveira (2010), os recursos midiáticos auxiliam no desenvolvimento da criatividade; permitem tratar de diferentes conteúdos; além de poderem atingir as emoções das pessoas. Assim, eles podem favorecer o desenvolvimento do pensamento e os processos de ensino e aprendizagem, uma vez que potencializam a cognição.

Porém, no decorrer dos anos escolares, percebemos que muitos professores, em especial os da educação básica, fazem pouco uso do vídeo com fins pedagógicos, alegando a falta de estrutura das escolas e a dificuldade em planejar seu uso. Além disso, afirmam que muitos alunos veem essa tecnologia como um recurso empregado por docentes que não querem ministrar a aula.

E foi diante dessa realidade e ao longo da minha trajetória acadêmica, que surgiu a vontade em pesquisar sobre o uso de vídeo. No terceiro período do curso de Pedagogia comecei a participar do GATE² – Grupo de Atenção às Tecnologias na Educação, grupo de pesquisa voltado para o estudo de questões relacionadas ao uso de tecnologias na educação, o que despertou o meu interesse em temas dessa natureza.

Nesse mesmo período, desenvolvi um projeto de Iniciação Científica, no qual pesquisei sobre a produção do material didático em um curso de Licenciatura em Matemática a distância (CASTRO, 2016). Nesse trabalho, analisei os materiais produzidos para tal curso, além de entrevistar alguns professores e alguns técnicos³ da CEAD – Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância, com o intuito de entender o modo como esse material era planejado e produzido. Como resultado, obtive que existem diferentes tipos de materiais didáticos que o docente pode produzir e utilizar em suas aulas – vídeos, apostilas, aulas narradas, tutoriais, etc –, podendo variar a sua efetividade de acordo com o objetivo da aula. No entanto, os professores relataram que possuíam dificuldade em produzir e empregar

¹ Ao longo deste texto, utilizaremos a expressão “vídeo” para nos referirmos a qualquer recurso audiovisual, de modo a não fazermos diferenciações entre filme e vídeo, por exemplo.

² Para conhecer um pouco mais do grupo, acesse: <https://www.facebook.com/gateufv/>

³ Os técnicos que atuam na CEAD são os profissionais responsáveis por dar apoio ao professor durante a produção do material didático.

vídeos, na maioria das vezes por não terem tido formação específica para isso, fato que aguçou meu interesse em pesquisar mais sobre o assunto.

Além disso, durante os estágios realizados no curso, pude perceber que os professores da educação básica não costumavam utilizar vídeos em suas aulas, e muitos afirmavam que a escola não tinha equipamentos disponíveis para todas as turmas e que, ao mesmo tempo, muitos deles acreditavam que o vídeo tinha mais função de lazer do que pedagógica.

Diante desses fatos, percebi que a temática o uso do vídeo como recurso didático na formação de professores era algo que necessitava um debate mais profícuo, que elucidasse a compreensão que docentes e futuros educadores têm acerca do uso desse recurso. Assim, surgiu o tema do meu segundo projeto de Iniciação Científica, no qual pesquisei como o vídeo tem sido utilizado enquanto recurso didático na formação de professores da Educação Básica, ressaltando a perspectiva apresentada por docentes de cursos de licenciaturas da UFV.

Dessa forma, esse artigo é um recorte do meu segundo projeto de Iniciação Científica, no qual buscamos evidenciar, a partir do ponto de vista de estudantes de cursos de licenciatura da UFV, como o vídeo tem sido empregado, enquanto recurso didático, na formação desses futuros professores. Sendo assim, lançamos luz a essa questão, de modo a subsidiar as discussões sobre essa temática que se mostra cada vez mais atual, principalmente se considerarmos o acesso a smartphones⁴ e suas possibilidades de gravação de vídeos, bem como o seu compartilhamento via Internet, sobretudo, nas redes sociais.

Acreditamos que dificilmente um professor adotará determinada abordagem pedagógica ou utilizará certos recursos didáticos se não lhe for proporcionado a vivência ao longo da sua formação, uma vez que tendemos a repetir, e aprimorar ou adaptar, certas práticas e metodologias em nossa atuação profissional. Portanto, investigar o modo como esse recurso vem sendo utilizado nos cursos de licenciatura da UFV, poderá oferecer subsídios para compreendermos o papel desse recurso na formação de professores, bem como o seu potencial didático-pedagógico.

⁴ Celulares com tecnologias avançadas.

2. O VÍDEO E A EDUCAÇÃO

Atualmente, uma das discussões que permeiam o ambiente educacional diz respeito a como despertar o interesse dos alunos pelas aulas e como favorecer a sua aprendizagem, visto que os estudantes não são todos iguais e cada um deles possui uma ou mais maneiras de aprender: alguns compreendem melhor escrevendo, outros lendo, outros ouvindo e outros vendo. Dessa forma, é importante que os docentes utilizem diferentes aportes metodológicos, visando potencializar a cognição dos alunos e, dessa forma, favorecer a produção de conhecimentos.

Nesse sentido, os recursos midiáticos, em especial o vídeo, têm sido considerados uma alternativa ao trabalho docente, uma vez que o estudante emprega mais de um sentido quando o está assistindo, podendo, inclusive, fazer anotações ao decorrer do mesmo, ou seja, o vídeo pode se mostrar como um potencializador da aprendizagem. De acordo com Silva e Oliveira (2010, p. 1) esse recurso “[...] possibilita o despertar da criatividade à medida que, estimula a construção de aprendizados múltiplos, em consonância com a exploração da sensibilidade e das emoções dos alunos, além de contextualizar conteúdos variados”, e de “[...] agregar conhecimentos diversos a temática a ser discutida, bem como a socialização dinâmica do ato de aprender” (SILVA; OLIVEIRA, 2010, p. 5).

Esse pensamento é compartilhado por Santos e Kloss (2010, p. 6) e por Moran (1995). Os primeiros afirmam que a partir do vídeo “[...] podem-se conhecer línguas, outras culturas, outros povos, sendo um meio de aprender de uma maneira que pode se tornar prazerosa, só pelo fato de ser diferente do que se realizam todos os dias”. O segundo autor, por sua vez, complementa essa ideia argumentando que o vídeo está diretamente associado à televisão e, assim, os estudantes podem assumir uma postura diferente perante a ele, uma vez que a TV está presente no cotidiano da maioria das pessoas, sendo algo comum para os alunos. Logo, o vídeo se apresenta como um recurso didático familiar para os estudantes, o que pode fazer com que eles se identifiquem com seu uso. Além disso, esse recurso

[...] parte do concreto, do visível, do imediato, próximo, que toca todos os sentidos. Mexe com o corpo, com a pele - nos toca e “tocamos” os outros, estão ao nosso alcance através dos recortes visuais, do close, do som estéreo envolvente. Pelo vídeo sentimos, experienciamos sensorialmente o outro, o mundo, nós mesmos. (MORAN, 1995, p. 27)

Nessa mesma direção, Betetto (2011) afirma que os vídeos estão próximos da realidade do aluno e, assim, se aproximam com mais naturalidade do seu cotidiano, podendo resultar em uma aprendizagem significativa.

Porém, mesmo o vídeo se apresentando como um possível potencializador da aprendizagem, é preciso que o professor saiba utilizar esse recurso. De acordo com Betetto (2011, p. 28), “O uso do vídeo não pode ser resumido no sentido de proporcionar novidades e diversidades nas aulas. Sua utilização e estruturação devem ser pensadas como uma ferramenta para uso didático”. Para a autora, ele não deve ser empregado como “tapa buraco” ou “enrolação”, ou seja, para apenas preencher o horário da aula. Também não deve ser utilizado em todas as aulas, pois seu uso exagerado pode ser visto de maneira banal e causar um efeito contrário ao desejado. Além disso, não é recomendável que o vídeo seja simplesmente exibido ao aluno, pois é importante que ocorra uma discussão sobre ele (MORAN, 1995).

Moran, Masetto e Behrens (2006) apontam que o ensino ainda desvaloriza a utilização do vídeo para promover o aprendizado. Silva (2000) também discute essa questão, apontando que o seu uso em sala de aula já acumula uma série de críticas, pois, geralmente a sua utilização está associada ao lazer e ao entretenimento. Muitos professores costumam utilizar o vídeo fora de um contexto educacional, sem fins didáticos, e nem sempre as suas potencialidades pedagógicas são exploradas de maneira aprofundada.

No entanto, Serafim e Sousa (2011) afirmam que, apesar do vídeo ser visto como algo ligado ao lazer, a sua utilização em classe, como recurso didático, possui um amplo potencial educacional que pode ser explorado pelo docente. Nessa mesma perspectiva, Moran (1995) afirma que o vídeo pode ser interessante para introduzir um novo assunto, para despertar a curiosidade e a motivação para novos temas, o que pode fomentar o desejo de pesquisa nos alunos para aprofundar o assunto do vídeo e do conteúdo a ser trabalhado com os estudantes. Dessa forma, ele sugere diferentes formas de se utilizar o vídeo em classe, sendo elas:

- Vídeo como sensibilização – para introduzir um novo tema, despertando a curiosidade e o interesse dos alunos. Podem ser utilizados vídeos curtos, propagandas, resenhas ou pequenos documentários, por exemplo;
- Vídeo como ilustração – para exemplificar um assunto, aproximar o que se está estudando à realidade dos alunos. Aqui, podem ser usados filmes, entrevistas ou documentários mais longos;

- Vídeo como simulação – nesse caso, o vídeo traria a simulação de algum experimento que não pode ser feito em sala, devido ao perigo ou a exigência de tempo e recurso. Por exemplo, algum documentário que demonstre experimento químico ou o crescimento de uma planta;
- Vídeo como conteúdo de ensino – informa sobre determinado assunto, podendo permitir abordagem interdisciplinar. Nessa situação, podem se usados tutoriais ou entrevistas;
- Vídeo como produção – aquele que é produzido pelos professores e/ou estudantes e pode possuir diferentes finalidades: documentar um evento; modificar algum material já produzido; e desenvolver a expressão dos alunos;
- Vídeo como avaliação – para avaliar o processo de aprendizagem;
- Vídeo-espelho – para que o aluno e o professor possam se ver na tela, e examinar suas qualidades e defeitos;
- Vídeo como integração/suporte de outras mídias – se refere a relacionar o vídeo com diferentes mídias, como televisão, computador, telefone.

Sendo assim, é imprescindível que ocorra um planejamento por parte do professor, para que ele defina qual a melhor forma de se utilizar o vídeo a fim de alcançar o objetivo proposto. De acordo com Ribeiro, *et al* (2016, p.4175),

O vídeo deve ser utilizado através de um planejamento minucioso para garantir e proporcionar resultados significativos na transmissão didática dos conteúdos, pois quando explorado de forma organizada, o recurso tecnológico potencializa aulas interessantes, dinâmicas e participativas, tornando-se uma fonte de informação alternativa, possibilitando ao aluno conhecer outras realidades, levantar questionamentos, além de construir seu próprio conhecimento, ajudado pelo direcionamento do professor.

Dessa forma, temos que o vídeo se apresenta como um recurso didático promissor, contudo muitos docentes possuem dificuldades em utilizá-lo de maneira a potencializar o aprendizado. Segundo Rizzo Junior (2011), apesar de termos um aumento no uso desse recurso em sala de aula, ele ocorre devido à presença do mesmo no cotidiano de professores e alunos, da aquisição de equipamentos pela escola (televisão, DVD, etc), e do interesse dos professores em utilizá-lo. Esse mesmo autor ressalta que não há “uma política de formação para o uso do audiovisual presente nas grades curriculares dos cursos cujos egressos se tornam profissionais da Educação Básica” (RIZZO JUNIOR, 2011, p. 12), ou seja, os docentes vão para o campo de atuação sem terem formação técnica e didática para utilizar

esse recurso com seus alunos. Em geral, os cursos de formação de professores trabalham pouco a criatividade dos docentes para o uso desse e de outros recursos didáticos, reduzindo o olhar do novo professor para o modelo tradicional de aulas, no qual se prioriza as aulas expositivas.

Além disso, de acordo com Silva (2011, p. 38), “é preciso dar aos professores reais e efetivas condições materiais, estruturais e financeiras para que eles tenham disponibilidade de planejar, incorporar e avaliar o uso dessas novas ferramentas ao seu fazer docente”. Ou seja, para potencializar os processos de ensino e de aprendizagem, é preciso não só o planejamento de como utilizar o vídeo, mas também uma estrutura viável para empregar esse recurso didático.

Porém, é preciso considerar que as tecnologias, incluindo os vídeos, modificam o dia a dia dos alunos e transformam o seu modo de interpretar o mundo (MORAIS, 2000). Assim, é necessário que o professor saiba como incorporar essa tecnologia em sua prática pedagógica, pois, de acordo com Serafim e Sousa (2011, p. 20) a forma como o docente utiliza essa tecnologia “[...]depende, em parte, de como ele entende esse processo de transformação e de como ele se sente em relação a isso, se ele vê todo esse processo como algo benéfico, que pode ser favorável ao seu trabalho, ou se ele se sente ameaçado e acuado por essas mudanças”. Logo, se o docente não identifica o vídeo como um recurso pedagógico, sua utilização nas aulas poderá se tornar apenas passatempo para os alunos.

Sendo assim, para que o docente se sinta preparado a trabalhar com esses recursos, deve buscar “[...] capacitação e aperfeiçoamento na área das tecnologias quanto ao uso pedagógico desses novos recursos de ensinar e aprender, devido a constatação de que nos cursos de graduação, pouco, ou quase nada ainda, está sendo proposto aos futuros professores” (CANTINI *et al*, 2006, p. 877), ou seja, é necessário que se tenha uma formação continuada para esses profissionais.

Para Moran (1995, p.27), “O vídeo ajuda a um professor, atrai os alunos, mas não modifica substancialmente a relação pedagógica”. Desta forma, segundo o autor, ele atua diretamente na sensibilização dos alunos, podendo agir de forma positiva ou negativa, dependendo da mediação do docente. Caso o professor não consiga utilizar o vídeo de forma a despertar o interesse do aluno, esse recurso audiovisual não atingirá nenhuma função didática, podendo, ao contrário do desejado, criar nos estudantes certa resistência ao seu uso.

Diante disso, o trabalho que realizamos consistiu em investigar, a partir das perspectivas de alunos de cursos de licenciatura da UFV, de que modo o vídeo tem sido

utilizado como recurso didático na formação de professores da Educação Básica. Mais especificamente, objetivamos analisar como os futuros professores compreendem o papel do vídeo enquanto um recurso didático; além de identificar diferentes usos do vídeo na sala de aula de cursos de licenciatura da UFV; e refletir sobre como os licenciandos têm sido formados para o uso de vídeos na sua prática educativa.

3. METODOLOGIA

Nesse trabalho investigamos de que modo o vídeo tem sido utilizado como recurso didático na formação de professores da Educação Básica. Por não estarmos preocupados com a representatividade quantitativa dos dados, mas sim com o quão significativos eles se mostram para compreender o fenômeno em questão, é que adotamos a abordagem qualitativa de pesquisa. Acreditamos que essa perspectiva metodológica melhor se enquadra ao objetivo desta pesquisa, pois não se trata de medir ou quantificar algo, mas sim investigar aquilo que é particular e buscar contribuições para um fenômeno mais geral, levando em conta aspectos subjetivos como crenças, sentimentos, concepções, visões de mundo, etc.

Araújo e Borba (2004, p. 40) evidenciam que “[...] quando decidimos desenvolver uma pesquisa, partimos de uma inquietação inicial e, com algum planejamento, não muito rígido, desencadeamos um processo de busca”. No caso deste trabalho, buscamos identificar, considerando as perspectivas de futuros professores, como eles compreendem o uso do vídeo na formação de professores.

Foram escolhidos para participarem da pesquisa alunos de diferentes licenciaturas da UFV, que estivessem cursando disciplinas nas quais o docente utilizasse o vídeo em suas aulas. Para isso, foi realizada, previamente, uma conversa com alguns professores que lecionavam disciplinas para as licenciaturas, a fim de saber se eles utilizavam vídeos em suas aulas. A partir disso, selecionamos duas disciplinas distintas, na qual estavam matriculados alunos de diferentes cursos. Após, os alunos de licenciaturas dessas disciplinas foram convidados a participarem da pesquisa e, os que aceitaram, foram divididos em dois grupos, de acordo com a disciplina que faziam em comum.

Os procedimentos de produção dos dados definidos para a realização dessa pesquisa consistiram em entrevistas semiestruturadas (APÊNDICE A) feitas com os dois grupos de alunos. Um grupo foi formado por cinco estudantes do curso de Pedagogia – Laura⁵, Carla, Daniele, Sofia e André - e o outro formado por dois alunos do curso de Letras – Marília e Augusto – e três do curso de História – Eliana, João e Valmir. Todos os estudantes já haviam concluído, no mínimo, 70% da carga horária de seu respectivo curso. Durante as entrevistas, eles foram questionados sobre o modo como os seus professores utilizavam o vídeo em sala

⁵ Os nomes utilizados são fictícios, a fim de preservar a identidade dos entrevistados.

de aula; qual a opinião deles sobre a utilização do vídeo; e se eles se sentiam preparados para trabalhar com essa tecnologia.

As entrevistas foram gravadas em áudio para posterior análise. Para Rosa e Arnoldi (2006, p. 87) esse método de coleta de dados permite “[...] a obtenção de grande riqueza informativa – intensiva, holística e contextualizada – por serem dotadas de um estilo especialmente aberto [...]”. Utilizamos a entrevista semiestruturada, pois “[...] o questionamento é mais profundo e, também, mais subjetivo, levando ambos [entrevistador e entrevistado] a um relacionamento recíproco, muitas vezes, de confiabilidade”.

Organizamos e sistematizamos os dados, para efeito de análise, concomitantemente ao processo de sua produção, pois esta fase da pesquisa requereu idas e vindas que auxiliaram no esclarecimento dos fatos. Segundo Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2004, p. 170) o processo de análise é “[...] complexo, não-linear, que implica um trabalho de redução, organização e interpretação dos dados que inicia já na fase exploratória e acompanha toda a investigação”. Bogdan e Biklen (1999, p. 200) posicionam-se quanto à análise dos dados e entendem que

[...] os dados não são apenas aquilo que se recolhe no decurso de um estudo, mas a maneira como as coisas aparecem quando abordadas com um espírito de “investigação”. Tornar-se um bom investigador qualitativo é, em parte, aprender esta perspectiva; os detalhes específicos são pistas úteis para a compreensão do mundo dos sujeitos. A investigação qualitativa envolve pegar nos objetos e acontecimentos e levá-los ao instrumento sensível da sua mente de modo a discernir o seu valor como dados. Significa aperceber-se da razão por que os objetos foram produzidos e como também envolve saber quando descartar conjunto de dados como sendo de valor duvidoso e quando os manter.

Os relatos das entrevistas foram ouvidos, analisados e transcritos parcialmente, evidenciando os depoimentos que atendiam aos objetivos do trabalho. A partir deles, fizemos uma discussão com o que a literatura nos apresenta sobre o tema, o que subsidiou as nossas interpretações e nos auxiliou na formulação de possíveis respostas às nossas indagações de pesquisa, que questionavam sobre o modo como o vídeo tem sido utilizado nos cursos de formação de professores e sobre qual a visão que licenciados possuem sobre o uso do vídeo em sala de aula e como eles têm sido formados para esse uso.

4. A VISÃO DOS FUTUROS PROFESSORES SOBRE O USO DO VÍDEO NA FORMAÇÃO DOCENTE

Tendo em vista que o nosso objetivo foi investigar de que modo o vídeo tem sido utilizado como recurso didático, na visão de licenciandos da UFV, elencamos, com base nas entrevistas realizadas, três temas emergentes dos dados: 1) a utilização do vídeo em sala de aula, onde evidenciamos como os docentes de cursos de licenciatura da UFV fazem uso do vídeo; 2) as potencialidades e limitações do vídeo como recurso didático, parte na qual discorremos sobre como os licenciandos entendem essa tecnologia; e 3) a formação para o uso do vídeo como instrumento pedagógico, onde abordamos sobre a preparação que os futuros professores possuem para utilizar essa tecnologia.

Dessa forma, discutiremos, a seguir, cada um desses tópicos, evidenciando os depoimentos dos estudantes e relacionando-os com a literatura.

4.1. Utilização do Vídeo em Sala de Aula

Diante das entrevistas realizadas com licenciandos de diferentes cursos da UFV, podemos levantar alguns pontos importantes sobre como o vídeo tem sido utilizado pelos formadores de professores em sala de aula, no contexto da licenciatura da UFV. Percebemos que, na maioria das vezes, os professores se preocupam em utilizar o vídeo como um recurso auxiliar na formação dos alunos. Augusto relatou que, no curso de Letras, muitos professores usam pequenos vídeos para ilustrar um conteúdo, apresentando-os após a explicação teórica. Marília complementa que, ao se estudar uma outra Língua, os filmes ou cliques costumam ser empregados para se avaliar a compreensão auditiva dos alunos.

No caso do curso de Pedagogia, Laura e Carla afirmaram que havia professores que traziam o vídeo para simular uma situação que poderia acontecer nas escolas e, a partir dele, pediam que respondessem a um roteiro, no qual deviam sugerir formas de se trabalhar diante de tal episódio. Além disso, André apontou que alguns professores usavam o filme para iniciar um debate, no qual questões do conteúdo eram discutidas.

Da mesma forma, os alunos do curso de História também apresentavam experiências positivas com o vídeo. Eliana contou que alguns professores empregavam filmes para ilustrar um fato histórico e, por meio dele, se iniciava uma discussão sobre tal acontecimento, e

Valmir completa que outros traziam pequenos documentários como prévia do assunto a ser tratado, a fim de despertar a curiosidade dos alunos e iniciar um novo tema.

Assim, notamos que os professores das licenciaturas utilizam o vídeo em suas aulas de diferentes maneiras, que vão ao encontro das categorias apresentadas por Moran (1995): vídeo como sensibilização, como ilustração, como simulação, como conteúdo de ensino e como avaliação. Isso permitiu, segundo os entrevistados, que as aulas se tornassem mais dinâmicas e que os estudantes pudessem participar de forma ativa nos processos de ensino e de aprendizagem, como vemos na fala de Laura:

“Com o vídeo, a aula não fica na mesmice. Ele serve para iniciar o debate, onde todos participam. Fica mais fácil debater tendo as imagens e falas do vídeo como suporte”

o que aponta que alguns estudantes podem acreditar que o uso de recursos audiovisuais fazem com que a aula pareça menos tradicional, uma vez o professor não se utiliza apenas do quadro e giz.

No entanto, os estudantes da Pedagogia, relataram que o uso do vídeo tem sido feito com mais frequência nas disciplinas optativas do curso, o que revela que não eram, necessariamente, todos os estudantes que tinham contato com esse recurso didático ao longo da graduação. Talvez o uso desse recurso nas disciplinas optativas se relacione com o fato delas serem compostas por menos alunos, o que facilita o planejamento de atividades nas quais toda a turma participe de forma mais ativa.

Além disso, João relatou que um de seus professores utiliza o vídeo sem um objetivo aparente. De acordo com ele

“Parecia que o professor não preparava a aula. Um dia ele não foi dar aula e pediu para uma aluna colocar o filme. Vimos o filme, e só. Na aula seguinte ele não perguntou nada do filme, não pediu para fazermos nada... Achei uma perda de tempo”.

Nesse caso, temos que a utilização do vídeo se constituiu em um ato não pedagógico, ou seja, ele foi utilizado apenas para preencher o tempo da aula, o que, de acordo com Betetto (2011), não deve acontecer, visto que o vídeo, na maioria das vezes, está relacionado apenas com o entretenimento e pouco com a aprendizagem. Utilizar tal recurso sem objetivo pedagógico reforça essa ideia. Além disso, o fato do estudante considerar tal prática como “perda de tempo” vai ao encontro do que Moran (1995) apresenta: que o vídeo, por si só,

não proporciona aprendizagem. Para que isso ocorra, ele deve ser mediado pelo professor em sua prática docente.

4.2. Potencialidades e Limitações do Vídeo como Recurso Didático

Outro ponto abordado nas entrevistas, se referiu a como os estudantes avaliavam o uso do vídeo em suas aulas. Todos os entrevistados falaram que ele pode ser um recurso didático importante, e ressaltaram seus aspectos positivos. Sofia e João afirmaram que, com os vídeos, ficava mais fácil relacionar o assunto dos textos com o que se debatia em sala, além de facilitar a associação entre a matéria teórica e a prática. André ressaltou que o vídeo ajudava a entender o conteúdo, pois, algumas vezes, a explicação do professor ficava vaga ou não era totalmente compreensível. Desse modo, o vídeo vinha para ilustrar o que tinha sido dito, facilitando a compreensão. Além disso, Marília e Daniela relataram que o vídeo ajudava a despertar o interesse pelo que se estava sendo ensinado, pois era algo que chamava a atenção e despertava curiosidade.

Isso reitera o que autores como Silva e Oliveira (2010), Santos e Kloss (2010), Moran (1995) e Betetto (2011) acreditam. Todos eles, veem no vídeo um aliado à prática docente, capaz de favorecer os processos de ensino e de aprendizagem, uma vez que com ele é possível se trabalhar a criatividade do aluno; desenvolver sua visão crítica; facilitar o entendimento dos conteúdos e conceitos; e despertar a curiosidade e o interesse dos estudantes por novos temas. Além disso, esse recurso permite que o aluno aproxime os temas aprendidos à sua realidade.

Por outro lado, Carla chamou atenção que, para o vídeo ser um recurso didático capaz de colaborar com a aprendizagem do estudante, ele deve ter um propósito. De acordo com ela,

“o uso do vídeo tem que ter um propósito, porque se for passar só para preencher o tempo, não ajuda em nada. Se forem passados sem uma intenção, sem planejamento, não adianta”.

Com isso, nos remetemos à importância de se fazer um planejamento detalhado ao se utilizar o vídeo em aula, fato que Ribeiro *et al* (2016) e Moran (1995) sustentam. Ambos afirmam que ao utilizar esse recurso didático, o professor precisa ter uma intencionalidade, precisa saber como vai utilizá-lo e como vai avaliar seu uso. Caso contrário, não influenciará na aprendizagem dos alunos. Assim, temos que o vídeo deve ser um recurso que venha a somar

para a significação dos conteúdos, portanto, ele não deve ser a centralidade e nem substituir a didática efetiva.

Os estudantes também foram questionados se utilizariam tal recurso em suas aulas, futuramente. Todos eles afirmaram que gostariam muito de usar, por acreditarem que o uso do vídeo pode potencializar a aprendizagem. André assegurou que utilizaria, e enfatizou que o filme pode ser analisado sob vários aspectos de acordo com o objetivo proposto, e,

“se for um filme que o aluno goste, pode facilitar ainda mais a associação com o conteúdo”.

Marília ainda observou que, no caso do ensino de outras línguas, os vídeos ajudam a entender o vocabulário. Esses comentários reforçam a ideia de que o filme, aliado ao trabalho docente, podem promover uma aprendizagem mais significativa por parte dos estudantes. Como ressaltou André, os filmes são uma fonte rica de conhecimento, do qual se podem explorar diferentes aspectos e conteúdos, fazendo com que o aluno aprenda de forma divertida e interessante.

Porém, alguns estudantes levantaram algumas limitações. Daniele e Laura afirmaram que usariam se a escola tivesse estrutura para tal fim; Sofia concordou, e acrescentou que faria uso do vídeo se a escola disponibilizasse um espaço próprio para isso, pois, muitas vezes

“a escola não tem sala de vídeo e só tem um datashow e um notebook. Aí, quando vamos usar, já está reservado para alguém, ou não está funcionando”.

De fato, é importante que a escola forneça os recursos necessários para que o professor utilize vídeos em suas aulas, assim como afirma Silva (2011). A falta de estrutura para tal fim e a indisponibilidade dos equipamentos, se apresentam como um limitador para o planejamento do trabalho docente tendo em vista que, em especial nas escolas públicas, são disponibilizados apenas um aparelho de projeção para utilização por todos os docentes. No entanto, é importante ressaltar que a reserva dos equipamentos faz parte do planejamento do professor. O vídeo não deve ser visto como um recurso de última hora, seu uso deve ser pensado previamente, o que proporciona ao professor tempo hábil para reservar os aparelhos necessários e, caso outro docente já vá utilizá-lo, ainda há a possibilidade para se replanejar.

Valmir apresentou uma perspectiva diferentes, ao relatar que

“tentaria utilizar uma vez, mas, se os alunos não se interessassem, eu não empregaria mais esse recurso”.

A visão desse estudante reflete o comportamento de muitos professores, que fazem uso do vídeo uma vez e, caso algo não saia como planejado, desistem de utilizar essa tecnologia. Porém, o uso de recursos audiovisuais em sala de aula é algo que é construído, que se aprimora com a prática. Para isso, Betetto (2011) evidencia a importância de se avaliar a utilização desse recurso, ou seja, é preciso que o docente reflita sobre como o vídeo foi utilizado, o que funcionou e o que não atingiu o objetivo proposto. É importante identificar o que não deu certo, e isso deve servir para o crescimento profissional do professor. Somente assim o docente conseguirá aperfeiçoar suas aulas e planejar a utilização dessa tecnologia de forma a favorecer a aprendizagem de seus alunos.

4.3. Formação para o Uso do Vídeo como Instrumento Pedagógico

De acordo com a Rizzo Júnior (2011), muitos docentes sentem dificuldades em utilizar o vídeo em suas aulas. Esse fato se mostrou verdadeiro em nossa pesquisa. Ao serem questionados se sentiam-se preparados para utilizar o vídeo em suas aulas, oito estudantes relataram que não se viam totalmente preparados, mas que, por já terem feito uso desse recurso durante os estágios, se sentiam um pouco mais confiantes para utilizá-lo. Isso pode ser visto nas falas da Carla e da Eliana, que revelam que

“A primeira vez que usei [o vídeo] no estágio fiquei um pouco insegura, pois ninguém na escola usava. Não sabia muito bem como fazer, pois nunca tive uma formação voltada para isso. Aí tentei pensar em como meus professores usavam, como eu achava que era mais legal, e tentei repetir isso lá. Deu bem certo”. (Carla)

“Usar vídeo parece fácil, mas não é. A não ser que você queira só preencher o tempo mesmo. Usei com meus alunos no estágio, mas foi difícil planejar como ia fazer isso. Pensei em um jeito que eu achava que seria bom, mas na hora não deu muito certo. Com a prática, fui tentando outras possibilidades.” (Eliana)

Esses relatos sugerem a importância do futuro professor buscar por capacitação para uso dessa tecnologia, uma vez que, de acordo com Cantiti *et al* (2006), ao longo da

graduação, se tem pouca ou nenhuma formação para empregar tais recursos. Em geral, os estudantes de licenciaturas não cursam uma disciplina específica que trabalhe como produzir e utilizar os vídeos como instrumento pedagógico. No entanto, a pesquisa de Vaz (2017) relata que parte dos alunos possuem algum tipo de experiência com vídeos, seja na edição de vídeos caseiros ou na produção de materiais audiovisuais para alguma disciplina. Porém, muitos preferem vídeos que apresentem um conteúdo voltado para o entretenimento, que não exigem uma reflexão sobre o que está sendo abordado.

Esse fato sugere que, talvez, a maior necessidade de formação esteja voltada para a questão didática do vídeo, uma vez que dominar a técnica não seja um problema para parte dos alunos. Assim, eles acabam por reproduzir aquilo que seus professores fazem, sem sentir a necessidade de refletir sobre o que está sendo feito, sem avaliar o processo e sem a preocupação de desenvolver metodologias distintas.

Logo, o depoimento de Carla evidencia a importância de os docentes de licenciaturas utilizarem, de forma planejada, o vídeo como recurso didático em suas aulas, uma vez que os futuros professores tendem a repetir com seus alunos as experiências positivas que tiveram ao longo de sua trajetória escolar. Da mesma forma, tendem a não repetir as metodologias que consideraram ineficientes. Ou seja, se os formadores de professores utilizarem o vídeo apenas como forma de entretenimento ou para preencher o tempo de suas aulas, é provável que os licenciados não utilizem essa tecnologia futuramente, uma vez que dificilmente a perceberão como um recurso pedagógico. Nessa perspectiva, Marília mostrou que também se espelha no trabalho feito por seus professores:

“Quando dou aula, faço como meus professores. Me baseio naquilo que eles fizeram e que eu acho legal. Sempre dá certo”.

Diante desses discursos, notamos que a forma como o docente apresenta o vídeo em suas aulas, influencia no modo como os futuros professores irão utilizá-los, o que corrobora a ideia de Serafim e Souza (2011), que relatam que a importância que o professor imprime a essa tecnologia, depende do modo como ele a enxerga. Porém, é preciso evidenciar que os docentes podem ser referências para os futuros professores, contudo, é preciso que o estudante não se apegue apenas a isso, e busque formação que atenda às suas demandas. Além disso, Laura enfatizou a importância de se planejar antes de fazer uso de vídeos, como notamos em sua fala à seguir:

“Olha, não sei se posso afirmar que estou pronta, com certeza. Mas consigo utilizar sim, desde que planeje bem antes, e pense em outras possibilidades caso a estratégia inicial não dê certo”.

Nessa mesma direção, Betetto (2011), afirma que um planejamento detalhado é fundamental para que o vídeo favoreça a aprendizagem dos estudantes, pois permite que esse recurso seja pensado a fim de complementar a didática docente.

Por fim, André ressaltou que seria importante ter uma formação específica que ensinasse diferentes formas de se utilizar essa tecnologia:

“Acho que falta no curso uma formação específica para isso. Tem até uma disciplina optativa, que eu não fiz, que acho que fala sobre isso. Mas seria legal se nós aprendêssemos outras formas de usar o vídeo, ou até mesmo dicas de como produzir um, para fazermos com os alunos”.

Desse modo, seria interessante que os cursos de formação de professores oferecessem uma disciplina obrigatória que abordasse a temática dos recursos audiovisuais, na qual os alunos pudessem não só discutir sobre a importância do vídeo e as diferentes formas de utilizá-lo, mas que também tivessem a oportunidade de produzir e editar vídeos, a fim de usarem essa metodologia com seus alunos, futuramente. Nesse sentido, Vaz (2017) afirma que a maior parte dos estudantes se mostra mais interessada em técnicas de edição de vídeo. Porém, para ser utilizado como recurso pedagógico, é preciso que os alunos percebam as potencialidades dos vídeos, reflitam sobre diferentes formas de usá-lo e, além disso, tenham um olhar criativo para ele, tanto para produzi-lo quanto para utilizá-lo. Logo, seria ideal uma disciplina que oferecesse formação técnica, didática e incentivasse o desenvolvimento da criatividade.

Sendo assim, percebemos que os futuros professores reconhecem as possibilidades da utilização de vídeos em sala de aula, porém, sentem falta de uma formação específica que os apresente possibilidades diferentes e promova vivências para utilização desse recurso didático, fazendo com que baseiem suas práticas no que foi experienciado ao longo da formação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo objetivou investigar, a partir da visão de futuros professores, como o vídeo tem sido utilizado em cursos de licenciatura da UFV, bem como analisar a compreensão que os licenciandos possuem a respeito desse recurso didático pedagógico.

Por meio da análise das entrevistas, notamos que os estudantes de licenciaturas da UFV acreditam que o vídeo é uma tecnologia que pode auxiliar nos processos de ensino e aprendizagem, porém, ainda se mostram receosos em utilizá-la, uma vez que não tiveram disciplinas que abordassem sobre o uso de tal recurso, ao longo da graduação. Além disso, eles apontam as dificuldades de empregar recursos audiovisuais nas escolas públicas, pois, em geral, não há estrutura física adequada para tal fim e nem equipamento disponível para todos os professores.

Os dados sugerem, ainda, que a falta de formação específica faz com que o futuro professor reproduza as metodologias vivenciadas ao longo de sua trajetória escolar, o que ressalta a importância dos professores de cursos de licenciaturas se atentarem para o modo como planejam e utilizam as tecnologias em suas aulas, dado que seus alunos tentem a repetir, futuramente, as situações de ensino pelas quais passaram.

Diante disso, concluímos que seria importante que os cursos de formação de professores dessem mais ênfase para a utilização dos recursos audiovisuais e ressaltassem a importância de empregá-los em sala de aula. No caso do vídeo, especificamente, seria interessante que os licenciandos aprendessem não só a parte técnica e didática, mas que aprimorassem sua visão criativa e reflexiva.

Por fim, é importante ressaltar que o uso de tecnologia em sala de aula não é algo fácil de se fazer. Necessita tempo de planejamento e avaliação, e se modifica de acordo com a turma na qual se está. Sendo assim, o docente que busca melhorar sua prática e aprimorá-la com o uso de recursos audiovisuais, deve persistir no seu propósito, destacando as vivências positivas e aprendendo com as negativas; caminhando, dessa forma, para o desenvolvimento de metodologias de ensino que favoreçam a produção de conhecimento pelos alunos.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. *O Método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2004.

ARAÚJO, J. L.; BORBA, M. C. Construindo Pesquisas Coletivamente em Educação Matemática. In.: BORBA, M. C.; ARAUJO, J. L. (Org) *Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

BETETTO, J. R. *O uso do vídeo como recurso pedagógico: conceitos, questões e possibilidades no contexto escolar*. 2011. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2011. Disponível em:

<<https://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/JOELMA%20RIBEIRO%20BETETTO>>. Acesso em 10/12/2016.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora, 1999.

CANTITI, M. C.; et al. *O Desafio do Professor Frente as Novas Tecnologias*. Educere, 2006. Disponível em:

<<https://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2006/anaisEvento/docs/CI-081-TC>> Acesso em 10/12/2016

CASTRO, S. B. *O Planejamento do Ensino em um Curso de Licenciatura em Matemática a Distância: um olhar para a produção do material didático*. Relatório Final, referente ao período de março/2015 a fevereiro/2016, apresentado à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do PROBIC/FAPEMIG.

MORAIS, G. M. S. Novas Tecnologias no Contexto Escolar. *Comunicação & Educação*, São Paulo, [18]: 15 a 21, maio/ago. 2000

MORAN, J. M. *O Vídeo na Sala de Aula*. Comunicação & Educação. Ed. Moderna, [2]: 27 - 35. São Paulo, 1995. Disponível em: <https://extensao.fecap.br/artigoteca/Art_015> Acesso em 10/12/2016.

MORAN, J. M; MASETTO, M. T.; BEHRNS, M. A. *Novas tecnologias e mediação Pedagógica*. Campinas: Papirus, 2006.

RIBEIRO, E. B. et al. O Uso do Vídeo como Recurso Didático: percepção dos alunos de biologia sobre a influência desse recurso para a aprendizagem. *Revista da SBEnBio*. Paraná [9]: 4174 - 4184, 2016. Disponível em: <<http://www.sbenbio.org.br/wordpress/wp-content/uploads/renbio-9/pdfs/2177.pdf>> Acesso em: 25/10/2016.

RIZZO JUNIOR, Sergio Alberto. Educação audiovisual: uma proposta para a formação de professores de Ensino Fundamental e de Ensino Médio no Brasil. 2011. 150 p. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2011.

ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. *A Entrevista na Pesquisa Qualitativa: mecanismos para validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SANTOS, P. R.; KLOSS, S. *A Criança e a Mídia: a importância do uso do vídeo em escolas de Joaçaba – SC*. Intercom - XI Congresso da Comunicação na Região Sul, Novo Hamburgo, RS, 2010. Disponível em: <<https://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0957-1>> Acesso em: 10/12/2016.

SERAFIM, M. L.; SOUSA, R. P. Multimídia na Educação: o vídeo digital integrado ao contexto escolar. In: SOUSA, R.P.; MIOTA, F.M.C.S.C.; CARVALHO, A.B.G.(Org) *Tecnologias digitais na educação* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/6pdyn/02>>. Acesso em 20/09/2017.

SILVA, A. M. O Vídeo como Recurso Didático no Ensino de Matemática. 2011. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011. Disponível em: <https://mestrado.prpg.ufg.br/up/97/o/Diss_051.pdf> Acesso em: 25/10/2017

SILVA, M. Sala de aula interativa. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

SILVA, R. V.; OLIVEIRA, E. M. *As Possibilidades do Uso do Vídeo como Recurso de Aprendizagem em Salas de Aula do 5º Ano*. V EPEAL – Pesquisa em Educação: Desenvolvimento, Ética e Responsabilidade Social, 2010. Disponível em: <<https://dmd2.webfactional.com/media/anais/POSSIBILIDADE-DE-VIDEO-COMORECURSO-DE-APRENDIZAGEM-EM-SALAS-DE-AULA-DE-5-SERIE>> Acesso em 10/12/2016.

VAZ, R. T. *O Processo de Produção de Vídeos Educativos a Partir de uma Experiência com Licenciandos de Pedagogia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2017.

APÊNDICE

A) Roteiro de Entrevista com os Alunos

- 1) Qual o curso que cada um de vocês realiza e qual período estão cursando?
- 2) No curso que realizam, os professores costumam utilizar vídeos ou filmes nas aulas?
- 3) Em caso afirmativo, falem um pouco sobre como esses recursos costumam ser utilizados nas aulas?
- 4) Que opinião vocês têm em relação ao uso desses recursos nas aulas? Por quê?
- 5) Como futuros professores, vocês utilizariam o vídeo em suas aulas? De que modo? Se sentem preparados para isso?

B) TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Participante da Pesquisa,

Tendo por base as Diretrizes e Normas Regulamentadas de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, em atenção à Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério de Saúde, convidamos você a participar da pesquisa intitulada *O Uso do Vídeo como Recurso Didático na Formação de Professores sob a Ótica dos Docentes Formadores*. Esta pesquisa possui como objetivo geral: investigar, a partir das perspectivas de docentes das licenciaturas da Universidade Federal de Viçosa, como o vídeo tem sido utilizado enquanto recurso didático. Na presente investigação você será entrevistado, sendo que nessa entrevista poderá haver o risco de constrangimentos pelo fato de você vir a se sentir pessoalmente exposto(a) em algumas questões formuladas. Para evitar tal constrangimento, informamos que seu nome será omitido e substituído por um pseudônimo a fim de que sua privacidade seja preservada. Igualmente, as entrevistas serão arquivadas sob a responsabilidade do pesquisador principal desta pesquisa e serão divulgadas apenas em trabalhos científicos. Acreditamos que os resultados da presente pesquisa trarão benefícios indiretos a você e à instituição a qual está vinculado, uma vez que oferecerá elementos que contribuirão com o debate acerca do uso do vídeo na Educação e das Tecnologias Digitais, em geral. Você poderá se retirar da presente pesquisa no momento que assim o desejar, sendo que sua decisão não implicará em qualquer dano à sua pessoa. Você poderá contatar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa - CEP/UFV em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético.

Esse termo foi redigido em duas vias, sendo que você receberá uma via e a outra será mantida em arquivo pelo pesquisador. Neste termo consta o telefone e o endereço dos pesquisadores e do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa - CEP/UFV.

Atenciosamente,

Pesquisadora Responsável
Prof.º Dr.ª Silvana Claudia dos Santos
(Orientadora)

Samira Bahia e Castro
Bolsista FAPEMIG

Contato dos pesquisadores:

- Prof.º Dr.ª Silvana Claudia dos Santos. Telefone: (31) 3899-3223 silvana.santos@ufv.br – Departamento de Educação.
- Samira Bahia e Castro. Telefone (31) 98793-9938 samira.castro@ufv.br - Departamento de Educação.

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa CEP/UFV,
Edifício Arthur Bernardes, piso inferior, Campus UFV, Viçosa, MG.
Telefone: (31) 3899-2492; E-mail: cep@ufv.br.

Declaro estar ciente do inteiro teor deste Termo de Consentimento e estou de acordo em participar do estudo proposto.

Viçosa, ___ de _____ de 2017.

Assinatura

Contato do participante para retorno:

Telefone: _____

E-mail: _____